

SÁBIOS E PROFETAS: A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO SAPIENCIAL NO PROFETISMO DA BÍBLIA HEBRAICA

Sages and prophets: The wisdom tradition's influence on the prophetic movement of the Hebrew Bible

Me. Tiago Abdalla Teixeira Neto¹

RESUMO

O presente artigo estuda a tradição sapiencial da Bíblia Hebraica em seu contexto mais amplo do antigo Oriente Próximo e concentra-se nos principais temas teológicos encontrados nas obras de sabedoria, bem como na forma literária em que foram transmitidas. Esta análise permite identificar aspectos em que a tradição sapiencial influenciou o movimento profético do antigo Israel, modelando a forma como alguns profetas produziram sua mensagem, bem como suas respostas teológicas povo de cada época. Em vez de serem antagonicos, sábios e profetas desenvolveram preocupações e discursos comuns.

Palavras-chave: Tradição Sapiencial. Profetismo. Bíblia Hebraica. Antigo Oriente Próximo.

ABSTRACT

This paper studies the wisdom tradition of the Hebrew Bible in its wider context of the ancient Near East and focuses on the major theological themes found in wisdom's books as well as in the literary form in which they were transmitted. This

¹Bacharel em Teologia (Faculdade Teológica Sul Americana, 2006), Mestre em Teologia e Exposição do Antigo Testamento (Th.M., Seminário Bíblico Palavra da Vida [SBPV], 2012) e Mestrando em Ciências da Religião, com especialização em Religião e Literatura do Mundo Bíblico. Professor de Teologia do Antigo Testamento e Exegese da Bíblia Hebraica no SBPV. Bolsista da CAPES. E-mail: tatn84@hotmail.com.

analysis allows us to identify aspects in which the wisdom tradition influenced the prophetic movement of ancient Israel, modeling how some prophets produced their message as well as their theological responses to people from every time. Rather than being antagonistic, sages and prophets developed common concerns and discourses.

Key words: Wisdom tradition. Prophetic movement. Hebrew Bible. Ancient Near East.

INTRODUÇÃO

Quando falamos que “santo de casa não faz milagre” ou que é “melhor um pássaro na mão do que dois voando”, usamos ditados populares que expressam a sabedoria sobre aspectos práticos da vida, acumulada por muitos anos em nossa cultura. O antigo Israel também preservou sua sabedoria em provérbios e ditados que tratavam de regras práticas sobre a felicidade pessoal e observações perspicazes sobre a vida, como também produziu monólogos, diálogos e fábulas que aprofundavam questões bem concretas da existência humana: o sentido da vida, o caminho para o êxito e questões de sofrimento.²

A tradição de sabedoria da Bíblia Hebraica, em especial, nos livros de Jó, Provérbios, Eclesiastes e em alguns salmos,³ transmite essas reflexões acumuladas por séculos na cultura israelita antiga. Essas reflexões não se limitaram aos círculos de sábios da época tribal, monárquica ou pós-exílica, mas influenciaram também outros círculos, como os profetas da Bíblia Hebraica.⁴

Portanto, nosso primeiro objetivo nesta pesquisa é compreender e descrever a tradição de sabedoria em Israel, examinando seu contexto histórico-social e principais temas. Em seguida, pretendemos observar e demonstrar de que modo esse movimento influenciou o profetismo do antigo Israel com suas formas de discurso e temas característicos.

1. COMPREENDENDO A TRADIÇÃO DE SABEDORIA NO ANTIGO ISRAEL

O movimento de sabedoria do antigo Israel esteve inserido em um ambiente mais

² LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 486.

³ LEEUWEN, R. C. van. The sage in the prophetic literature. In: PERDUE, L.; GAMMIE, J. *The sage in Israel and the Ancient Near East*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990, p. 298.

⁴ Ver GERSTENBERGER, Erhard. The woe-oracles of the prophets. *Journal of Biblical Literature*, v. 81, 1962, p. 249-263; LEEUWEN, 1990, p. 295-306; CRENSHAW, James L. The influence of Wise upon Amos. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, v. 79, n. 1, 1967, p. 42-52.

amplo de tradição sapiencial, presente no Antigo Oriente Próximo desde o terceiro milênio A.E.C., que refletia sobre questões práticas e também complexas da vida, buscando repassar às futuras gerações o conhecimento obtido nessa reflexão.⁵ Tanto no Egito antigo quanto na região da antiga Mesopotâmia, há ditados, provérbios, tratados e hinos didáticos.⁶

Desde tempos imemoriais, pessoas sagazes e sábias cunhavam e coligiam ditados acerca da vida. Tais sábios empregavam esses ditados como ganchos em que penduravam lições para crianças e outros alunos e como referências para quem buscasse informação e conselho.⁷

2. CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA TRADIÇÃO DE SABEDORIA

Do período do Reino Antigo do Egito (2686-2160 A.E.C.),⁸ há exemplos de literatura sapiencial, como a “Instrução de Ptah-hotep” e a “Instrução de Kagemni”, que advertem sobre o decoro apropriado a um oficial da corte.⁹ Podemos citar como exemplo os ditados didáticos proferidos por Ptah-hotep a seu filho e sucessor no cargo ocupado pelo pai:

Que teu coração não se ensoberbeça com teu conhecimento; não te confies em tua sabedoria [ver a semelhança com Pv 3.5,7]. Aconselha-te com o ignorante, assim como com o sábio. Os limites (plenos) da habilidade não podem ser alcançados e não há homem habilidoso capacitado para sua (plena) vantagem. O bom discurso está mais oculto que a esmeralda, mas pode ser encontrado por moínhos [...]

Se tu és um líder comandando os afazeres da multidão, busque para ti toda obra proveitosa [...] A justiça é importante e sua conveniência é permanente.¹⁰

Essas produções literárias de sabedoria continuaram no Egito Antigo, como a

⁵ BRUEGGEMANN, Walter; LINAFFELT, Tod. *An introduction to the Old Testament*. 2.ed. Louisville: Westminster John Knox, 2012, p. 340; VON RAD, Gerhard. *La sabiduría en Israel: los sapienciales, lo sapiencial*. Madrid: Fax, 1973, p. 24; GOLDSWORTHY, Graeme. *Wisdom and its literature in biblical-theological context*. *Southern Baptist Journal of Theology*, v. 15, n. 3, 2011, p. 42; HARRISON, Roland K. *Introduction to the Old Testament*. Peabody: Hendrickson, 2004, p. 1004.

⁶ GARRETT, Duane A. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of songs*. Nashville: Broadman & Holman, 1993, p. 21-23.

⁷ LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 486.

⁸ Seguimos aqui a cronologia exposta e defendida em SHAW, Ian (ed.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 83-107.

⁹ ROSS, Allen P. *Proverbs*. In: GABELEIN, Frank E. *The Expositor's Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1991, v. 5, p. 883; GARRETT, 1993, p. 21.

¹⁰ PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament*. 3.ed. Princeton: Princeton University Press, 1969, p. 412.

“Instrução a Merikare” (Primeiro Período Intermediário – 2160-2055¹¹), a “Instrução de Amenemhet” e “O debate entre um homem e sua alma” (Reino Médio – 2055-1650¹²), a “Instrução de Amenemope”, supervisor dos campos e dos grãos, escrita a seu filho e sucessor,¹³ e a “Instrução de Ani” (Reino Novo – 1550-1069¹⁴), além de outros tratados posteriores, como a “Instrução de Ankhsheshonqy” e a “Instrução do Papiro de Insinger”.¹⁵

A antiga Mesopotâmia também produziu vários materiais sapienciais. Ali, o conceito de sabedoria talvez fosse, originalmente, aplicado à perícia nas artes mágicas, nas habilidades manuais com o metal e nas habilidades administrativas de um sacerdote.¹⁶ Entre as principais obras dessa região estão: “Instrução de Shuruppak” (c. 2000 A.E.C.), “Conselhos de Sabedoria” e “Hino a Ninurta”.¹⁷ Não podemos deixar de mencionar, também, as “Palavras de Ahiqar”, cuja cópia em aramaico do século V A.E.C. parece remontar ao original assírio, do século VII A.E.C.¹⁸ Esse texto contém provérbios, enigmas, fábulas curtas e observações religiosas de um oficial da corte assíria da época de Senaqueribe e Esaradom.¹⁹ LaSor, Hubbard e Bush²⁰ citam exemplos de ditados mesopotâmicos que ilustram a natureza concreta do pensamento oriental:

A quem amas — (lhe) carregas o jugo.

Um povo sem rei (é como) ovelhas sem pastor.

Engravidou-se ela sem cópula? Engordou sem ter comido?

Ano passado comi alho; este ano minhas entranhas queimam.

Esses exemplos revelam que a literatura sapiencial antiga fazia parte de um contexto muito mais amplo que o antigo Israel e certamente a tradição de sabedoria da Bíblia Hebraica foi influenciada pela forma como essas reflexões proverbiais eram desenvolvidas por seus vizinhos: “Descobriu-se, então, que a sabedoria é um fenômeno comum a todo Oriente”.²¹

É possível que o movimento de reflexão didática tenha entrado em Israel por meio da cultura mais ampla de Canaã, sendo aceita, então, pela nação e seus líderes como

¹¹ SHAW, 2003, p. 108-136.

¹² SHAW, 2003, p. 137-171.

¹³ FOX, Michael V. Three theses on Wisdom. In: SNEED, Mark (ed.). *Was there a wisdom tradition?* Atlanta: Society of Biblical Literature, 2015. p. 71.

¹⁴ SHAW, 2003, p. 207-307.

¹⁵ GARRETT, 1993, p. 21-22; ROSS, 1991, p. 883-884.

¹⁶ HARRISON, 2004, p. 1004.

¹⁷ ROSS, 1991, p. 884; GARRETT, 1993, p. 22-23.

¹⁸ PRITCHARD, 1969, p. 427; HARRISON, 2004, p. 1004; GARRETT, 1993, p. 23.

¹⁹ ROSS, 1991, p. 884.

²⁰ LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 488-489.

²¹ VON RAD, 1973, p. 24.

uma herança partilhada com seus vizinhos.²² Isso indica que a tradição sapiencial é muito antiga em Israel, podendo remontar à época da realeza e, provavelmente, a um período ainda anterior. “A ideia de que a sabedoria em Israel era um fenômeno religioso do Israel pós-exílico se revelou completamente falsa. [...] Ao mesmo tempo, revelou-se como sem fundamento a desconfiança em relação à sua datação antiga na época da realeza”.²³

Embora a tradição de sabedoria tenha seu desenvolvimento inicial e oral na vida dos clãs israelitas, que a utilizavam a fim de preparar cada geração para as responsabilidades que assumiriam em relação à família, terra, trabalho e liderança social,²⁴ e ainda que não possamos restringir o contexto original de literatura de sabedoria a um único contexto social,²⁵ é provável que o movimento de sabedoria tenha recebido maior ênfase e propulsão durante o período da monarquia, em especial no reinado de Salomão, quando houve uma abertura política, social e comercial para o intercâmbio entre Israel e seus vizinhos, em especial o Egito (IRs 4.29-34).²⁶

A importância que a literatura sapiencial atribui a Salomão como seu patrono, em Eclesiastes ou em Provérbios (cf. Pv 1.1; 10.1; 25.1; Ec 1.1,12),²⁷ parece favorecer a hipótese de que a corte no antigo Israel cultivava e registrava provérbios e discursos sapienciais.²⁸ A história deuteronomista atribui a Salomão grande sabedoria: “*Era a sabedoria de Salomão maior do que a de todos os do Oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios*” (IRs 4.30, Almeida Revista e Atualizada [ARA], itálico acrescentado; cf. IRs 3.12). Fica evidente que Salomão “veio a se tornar não só o sábio arquetípico de Israel, mas um patrocinador internacional da ‘arte de viver’, com um grande número de especialistas em sabedoria reunindo-se em sua corte”.²⁹

Na época de Davi, parece já haver sábios, como Aitofel, que atuavam como

²²BERRY, Donald K. *An introduction to wisdom and poetry of the Old Testament*. Nashville: Broadman and Holman, 1995 (edição kindle); HARRISON, 2004, p. 1006.

²³VON RAD, 1973, p. 24.

²⁴Cf. a fábula de Jotão (Jz 9.7-15); o enigma de Sansão (Jz 14.14); o provérbio popular a respeito de Saul (ISm 10.11,12). Ver LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 496; HUBBARD, D. A. *The wisdom movement and Israel's covenant faith*. *Tyndale Bulletin*, v. 17, 1966, p. 7.

²⁵BRUEGGEMANN; LINAFFELT, 2012, p. 340-341; BERRY, 1995 (edição kindle).

²⁶HUBBARD, 1966, p. 6; GOLDSWORTHY, 2011, p. 47.

²⁷BERRY, 1995 (edição kindle).

²⁸VON RAD, 1973, p. 31-32. Ver o argumento de Christopher Ansberry em favor do ambiente palaciano salomônico para a produção do livro de Provérbios em ANSBERRY, Christopher B. *Be wise, my Son, and make my heart glad: an exploration of the courtly nature of proverbs*. Wheaton College Graduate School, 2009 (Tese de Doutorado).

²⁹PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 504. Ver também BEALE, G. K. *A New Testament biblical theology: the unfolding of the Old Testament in the New*. Grand Rapids: Baker Academic, 2001, p. 73-74.

conselheiros reais, dando orientações sábias e tidas como imbuídas de autoridade divina: “O conselho que Aitofel dava, naqueles dias, era como resposta de Deus a uma consulta; tal era o conselho de Aitofel, tanto para Davi como para Absalão” (2Sm 16.23, ARA, itálico acrescentado).³⁰ Na época de Ezequias também houve um apoio a esses sábios e à produção de textos didáticos (Pv 25.1).³¹ Esses conselhos podiam tratar de questões políticas e até mesmo militares, como indicam alguns provérbios: “Os planos mediante os conselhos têm bom êxito; faz a guerra com prudência” (Pv 20.18, ARA). “Com medidas de prudência farás a guerra; na multidão de conselheiros está a vitória” (Pv 24.6, ARA, itálico acrescentado).³²

A presença tanto na Mesopotâmia quanto no Egito de escolas sapienciais que preparavam oficiais, aristocratas e membros da realeza para suas funções, também apoia essa relação entre a corte do antigo Israel e os discursos e ensinamentos sapienciais.³³

No entanto, é preciso ressaltar que, à medida que a tradição sapiencial continuou a se desenvolver, ela não se limitou à corte, mas lidou também com questões básicas da vida do povo comum: a relação com as autoridades de uma cidade ou nação (Pv 20.2; 23.1-3), a importância do trabalho diligente (Pv 6.6-11; 10.4; 20.4; Ec 11.4,6), a satisfação com o fruto básico do trabalho (Pv 15.16,17; Ec 2.24-26; 9.7-9) ou a crítica à opressão (Ec 4.1-3; 5.8). Como G. von Rad observou em referência ao livro de Provérbios:

[...] torna-se impossível vê-lo unicamente como produto do conhecimento que poderia existir na corte para serviço dos altos dignitários. O contexto do qual saem muitas sentenças isoladas e até mesmo grupos inteiros delas, o tipo de problemas abordados e os temas que tratam podem ser determinados com certa precisão; e o resultado é que o mundo em que vivem nem sempre é cortesão [...] a sabedoria não teve, de modo algum, sua sede exclusivamente na corte. É claro que em uma época já bem antiga precisou ter seus centros de cultura no país, em um estrato da população mais amplo do qual foi se constituindo e se aplicou, de maneira preferencial, à problemática da vida de um estamento burguês e rural acomodado.³⁴

O Cronista sugere a presença de conselheiros reais durante o reino dividido, à

³⁰ DRUMWRIGHT Jr., H. L. Wisdom. In: TENNEY, Merrill C. *The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1975-1976. v. 5. p. 941.

³¹ LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 496.

³² VON RAD, 1973, p. 32.

³³ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 312; FOX, 2015, p. 69-70; VON RAD, 1973, p. 31-32.

³⁴ VON RAD, 1973, p. 33.

semelhança do que havia sido iniciado na época da monarquia davídica (2Cr 25.16).³⁵ Na época de Jeremias, o profeta faz crítica a uma classe de pessoas designadas como חֲכָמִים (“sábios”), que parecem desempenhar um ofício equiparado ao do sacerdote e ao do profeta (Jr 8.9; 18.18).³⁶

3. TEMAS CENTRAIS DO DISCURSO DE SABEDORIA NO ANTIGO ISRAEL

A חֲכָמָה (“sabedoria”) aparece como um conceito amplo nos textos da Bíblia Hebraica, podendo indicar, assim como na antiga Mesopotâmia,³⁷ certas habilidades, como a técnica de processar metais (IRs 7.14), de trabalhar com ouro (Êx 31.3), de confeccionar tecidos (Êx 35.25), de navegar (Ez 27.8; Sl 107.27), de comandar um exército vencedor (Is 10.13).³⁸ Entretanto, como vimos acima, a “sabedoria” também podia indicar pessoas capazes de aconselhar outros a tomar decisões difíceis ou de fornecer decisões/auxílio para dirigir suas ações (2Sm 14.2-20; 16.23; 1Rs 3.28; 10.24; Pv 10.14).³⁹

A literatura de sabedoria apresenta uma série de temas importantes. Estudiosos têm debatido sobre o tema que fornece unidade estrutural para a literatura sapiencial como um todo. James L. Crenshaw propõe que o tema estrutural da literatura de sabedoria é a “ordem que se origina da presença divina”.⁴⁰ Ele explica o tema da seguinte forma:

Onde Deus e sua vontade se tornam manifestos, a vida tem coerência. A ordem reina em todos os relacionamentos humanos que desfrutam da aprovação divina. Ausência de Deus resulta em desordem, produzindo caos. [...] Ao estudar toda a vida, o indivíduo descobre regras de conduta. Certas ações garantem, em geral, a bênção de Deus, ao passo que outras ações resultam em frustração, infâmia e morte. [...]

A presença de Deus não é automática, apesar do desejo de ser conhecida. A senhora Sabedoria chama, convida e festeja com seus convidados, mas ela também ameaça aqueles que não demonstram apreciação por seus produtos. Ela precisa competir com a senhora Insensatez, cujo poder para destruir

³⁵ HARRISON, 2004, p. 1007.

³⁶ LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 496-497.

³⁷ Ver HARRISON, 2004, p. 1004.

³⁸ WOLFF, 2008, p. 311.

³⁹ LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 497; BERRY, 1995 (edição kindle).

⁴⁰ CRENSHAW, James L. In search of divine presence: some remarks preliminary to a theology of Wisdom. *Review and Expositor*, v. 74, n. 3, 1977, p. 365.

permanece oculto até o último segundo.⁴¹

De fato, para a tradição sapiencial, a sabedoria está na presença de Deus desde a criação do mundo (Pv 9.22-31) e encontrá-la implica alcançar o favor de YHWH (Pv 9.35). Jó 28, ao descrever o paradeiro da Sabedoria, também mostra seu íntimo relacionamento com Deus, o único que conhece onde a Sabedoria habita (Jó 28.23-24). “O desejo de relacionar Deus com a humanidade de forma mais direta deu origem à reflexão [...] sobre a Sabedoria. Por meio dela, Deus manifesta sua presença nas vidas de suas criaturas...”⁴² No entanto, embora a temática da presença de Deus seja importante nos Escritos Sapienciais (Provérbios, Jó, Eclesiastes e os salmos de sabedoria), não é, de forma alguma, o núcleo central dessa tradição.

Um aspecto importante enfatizado pelos sábios no antigo Israel diz respeito à conduta individual — חכמה (“sabedoria”) e o דרך (“caminho”; “procedimento”) aparecem juntos: “A sabedoria do prudente é entender o seu próprio caminho, mas a estultícia dos insensatos é enganadora” (Pv 14.8, ARA).⁴³ Como característica individual, há sábios e insensatos em todas as classes sociais. Em geral, sabedoria de vida tem mais a ver com caráter do que com o intelecto, visto que os sábios, em geral, se identificam com a justiça, e os insensatos, com a maldade/impiedade: “O sábio é cauteloso e desvia-se do mal, mas o insensato encoleriza-se e dá-se por seguro” (Pv 14.16, ARA). “Para o insensato, praticar a maldade é divertimento; para o homem inteligente, o ser sábio” (Pv 10.23).⁴⁴

Outra característica importante dos escritos sapienciais é a tentativa de responder à evidente ausência de retribuição à maldade dos ímpios e à justiça dos fiéis nesta vida, pois os ímpios parecem prosperar enquanto os justos padecem.⁴⁵ Em geral, há o reconhecimento de que alguns salmos da Bíblia Hebraica devem ser classificados como “salmos de sabedoria”, relacionados aos mestres do antigo Israel, que estavam, de certa forma, ligados ao movimento mais amplo da sabedoria no Antigo Oriente Próximo.⁴⁶ O salmo 49 (cf. tb. Sl 73) busca lidar com essa questão debatida pelos sábios. A pergunta inicial, logo na primeira parte do hino, indica esse foco do autor:

⁴¹ CRENSHAW, 1977, p. 365-366.

⁴² CRENSHAW, 1977, p. 365.

⁴³ WOLFF, 2008, p. 313 (cf. PINTO, 2006, p. 507).

⁴⁴ VON RAD, 1973, p. 91-92; WOLFF, 2008, p. 313-314.

⁴⁵ LONGMAN III, Tremper. *Psalms*. Nottingham: Inter-varsity, 2014, Psalm 49 (edição kindle); SABOURIN, Leopold. *The Psalms: their origin and meaning*. New York: Alba House, 1974, p. 370.

⁴⁶ BERRY, 1995, cap. (edição kindle); KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*. Salamanca: Sigueme, 1993, p. 89-90; LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 485-7.

“Por que temerei [...] iniquidade de traidores⁴⁷ [que] me cercam, *os que confiam em sua riqueza e na abundância de sua riqueza se gloriam?*”⁴⁸ (Sl 49.6,7 [5,6]). Claramente, os ricos são identificados como traidores maldosos que perseguem o justo.

A resposta/advertência segura no versículo 17 [16] ressalta, novamente, essa questão e mostra que o justo não precisa temer o ímpio que se enriquece: “Não temas *se um homem se enriquecer, se a glória de sua casa aumentar*”,⁴⁹ pois a morte é a grande niveladora e demonstrará, de forma definitiva, o caráter efêmero das riquezas, cancelando as diferenças entre ricos e pobres:⁵⁰ “Porque *na morte dele não tomará o todo, não descerá atrás dele a sua glória*” (v. 18 [17]). Enquanto os justos são “redimidos” (פְּדוּהָ) da morte por Yahweh (v. 16 [15]), os ímpios, que confiam nas riquezas, “como rebanho serão designados para o Xeol, [a] Morte os pastoreará...”⁵¹ (v. 15 [14]).

Dentre todos os diversos temas da literatura sapiencial do antigo Israel, nenhuma se destaca tanto quanto o “temor de YHWH” (יְהוָה, יִרְאָתוֹ). Para o verdadeiro israelita, “toda sabedoria tinha raízes em Deus e só estava à disposição dos homens porque estes eram criaturas de Deus, capazes de receber a revelação divina”.⁵² Como observou G. von Rad, a ideia de “temor de YHWH” como princípio da sabedoria “aparece cinco vezes — com pequenas variantes — na literatura didática, algo que não ocorre com nenhuma outra frase e que indica, portanto, a importância que deve ter tido”.⁵³ As passagens didáticas em que ela ocorre são as seguintes:

*O temor do SENHOR é o princípio do saber,
mas os loucos desprezam a sabedoria e o ensino. (Pv 1.7)*

*O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria,
e o conhecimento do Santo é prudência. (Pv 9.10)*

*O temor do SENHOR é a instrução da sabedoria,
e a humildade precede a honra. (Pv 15.33)*

*O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria;
revelam prudência todos os que o praticam. (Sl III.10)*

Eis que *o temor do Senhor é a sabedoria,*

⁴⁷ A palavra se deriva de um verbo que pode indicar tanto “segurar no calcanhar” (Gn 25.26) quanto “enganar” (Jr 9.4). A ideia de uma amigo íntimo e de confiança que “faz crescer o calcanhar contra mim” (Sl 41.10[9]) indica traição e deslealdade. Brown, Driver, Briggs propõem: “aqueles que tomariam alguma vantagem traiçoeira de mim” (BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon*. Oxford: Clarendon, 1977. p. 784; cf. SWANSON, J. *Dictionary of biblical languages with semantic domains*: Hebrew. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997, עָקַב [edição eletrônica]).

⁴⁸ עוֹן עֲקָבִי יִסּוּבֵנִי [...] הַבְּטָחִים עַל־חֵילִם וּבָרִב עוֹרָם יִתְהַלְּלוּ־מָה אֵרָא

⁴⁹ אֶל־תִּירָא כִּי־יַעֲשֶׂר אִישׁ כִּי־רִבָּה כְּבוֹד בֵּיתוֹ

⁵⁰ GOULDER, Michael D. *The Psalms of the sons of Korah*. Sheffield: JSOT, 1982. p. 181; BERRY, An *introduction to wisdom and poetry of the Old Testament* (edição kindle).

⁵¹ כִּצְאֹן לִשְׂאוֹל שְׂתוֹ קוֹחַ יָדַעַם

⁵² LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 498.

⁵³ VON RAD, 1973, p. 92.

e o apartar-se do mal é o entendimento. (Jó 28.28)

A concepção de “temor de YHWH” como princípio do saber parece indicar tanto a devoção a YHWH como parte principal do desenvolvimento da sabedoria quanto um modo de vida cujas escolhas acertadas refletem a reverência a Deus.⁵⁴ Ao comentar essas passagens, G. von Rad diz que o temor de Deus é o ponto de partida do saber, o elemento que nos conduz à sabedoria, capacita-nos a adquiri-la e nos educa nela.⁵⁵

Ao examinar duas passagens da tradição legal em que a ideia de temer a YHWH ocorre — em oposição a pecar (Êx 20.20) e como sinônimo de “guardar seus mandamentos” e “ouvir à sua voz” (Dt 13.3,4) —, Brueggemann afirma: “O temor como obediência ao qual Israel é chamado não é terror nem medo, mas receptividade à vontade de Deus [...] e essa vontade é revelada nos mandamentos”; por isso, “temor de Deus” implica “não uma operação cognitiva, mas uma premissa a partir da qual deve-se moldar as relações sociais de uma certa maneira”, que é oposta “ao modo cananeu, que essa tradição vê como idolátrica, destrutiva e mortal”. Assim “temor a Deus” “é um chamado a abandonar modos de relacionamento social que não apenas alienam de Yahweh, mas também do próximo”.⁵⁶

Hans W. Wolff observa que o temor de Deus como início da sabedoria desperta, a princípio, confiança para receber o ensinamento que vem do mundo dos fenômenos (Pv 8; Jó 28; Jó 12.7-9), pois o conhecimento do mundo como fonte de sabedoria para o ser humano está fundamentado, de forma objetiva, no universo como criação divina. Mas o temor de YHWH também é, subjetivamente, o início da sabedoria (Pv 2.6), visto que a faculdade cognoscitiva é criação de YHWH, assim como todos os objetos de conhecimento.⁵⁷

Esse elemento de fé pessoal (“temor”) em um Deus pessoal distingue a sabedoria hebraica da egípcia, por exemplo, para a qual o conceito impessoal de “justiça” (*maat*) era central. Para os antigos israelitas, o êxito na obtenção de sabedoria não consistia, simplesmente, em submissão às instruções sábias, mas em “confiança, reverência e submissão ao Senhor (Pv 1.7; 3.5,6; 9.10), que criou todas as coisas e governa tanto o mundo da natureza quanto a história (3.19,20; 16.4; 21.1)”.⁵⁸ “Em Israel, a capacidade de conhecimento do homem nunca se afastou do fundamento de sua existência total;

⁵⁴ BERRY, 1995, cap. (edição kindle).

⁵⁵ VON RAD, 1973, p. 94.

⁵⁶ BRUEGGEMANN, Walter. Praise to God is the end of wisdom: What is the beginning? *Journal for Preachers*, v. 12, n. 3, 1989, p. 31.

⁵⁷ WOLFF, 2008, p. 319.

⁵⁸ ROSS, 1991, p. 885.

isto é, nunca rompeu seu vínculo com Deus para atuar de forma autônoma”.⁵⁹

4. A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO SAPIENCIAL NA LITERATURA PROFÉTICA

Como descrever a relação entre sábios e profetas no antigo Israel? Nem sempre foi um convívio tranquilo. Jeremias lança críticas aos “sábios” (חֲכָמִים) profissionais, provavelmente conselheiros da realeza, por rejeitarem a “palavra de YHWH” e questiona a sabedoria deles: “Que sabedoria é essa que eles têm” (Jr 8.9, ARA). Ele os adverte: “Não se glorie o sábio na sua sabedoria” (Jr 9.23), e recebe a oposição desses sábios: “Vinde, e forjemos projetos contra Jeremias; porquanto não há de faltar a lei ao sacerdote, *nem o conselho ao sábio, nem a palavra ao profeta*” (Jr 18.18, ARA, itálico acrescentado). Ezequiel também percebeu que a ineficiência dos conselheiros oficiais traria desastre para a nação: “Virá miséria sobre miséria, e se levantará rumor sobre rumor; [...] do sacerdote perecerá a lei, *e dos anciãos, o conselho*” (Ez 7.26, ARA, itálico acrescentado).⁶⁰

Tornou-se comum distinguir o discurso sapiencial do profético enfatizando o foco do primeiro no indivíduo, e o do segundo no povo de Deus em geral.⁶¹

A diferença entre profecia e sabedoria é que a primeira visava o indivíduo buscando alcançá-lo por meio da nação [...] enquanto a segunda visava mudar a sociedade de baixo para cima, por meio dos indivíduos que ela exortava primariamente com base na revelação teocêntrica geral.⁶²

Entretanto, a diferença entre os dois grupos não deve ser considerada rígida, pois é possível perceber um relacionamento entre ambos devido a formas e temas em comum, revelando, em especial, a influência sapiencial sobre o movimento profético.

O uso da linguagem, formas e ideias de sabedoria conhecidas da própria literatura de sabedoria (Provérbios, Jó, Qoheleth, vários salmos) não demonstra que os autores ou os profetas eram sábios. Isso simplesmente revela que eles conheciam essa literatura ou tradições semelhantes a ela e compartilharam do pensamento de sabedoria geral a israelitas instruídos.⁶³

Estudiosos têm notado a influência da literatura sapiencial em Amós, por exemplo,

⁵⁹VON RAD, 1973, p. 96.

⁶⁰DRUMWRIGHT Jr., 1975-1976, p. 941.

⁶¹ROBINSON, H. Wheeler. *Man in the Old Testament*. London: SCM, 1951. p. 241; LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 497;

⁶²PINTO, 2006, p. 507.

⁶³LEEUWEN, 1990, p. 298.

as perguntas retóricas do capítulo 3 (vv.3-8) de 6.12, que se assemelham bastante com Provérbios 6.27,28 e Jó 8.11 e estão presentes em ditados mesopotâmicos antigos.⁶⁴ Amós 3.3,4 e 6.12 dizem:

Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?
Rugirá o leão no bosque, sem que tenha presa?
Levantará o leãozinho no covil a sua voz, se nada tiver apanhado?
Poderão correr cavalos na rocha? E lavrá-la com bois?

Ezequiel 15.2,3 também apresenta uma série de perguntas retóricas sapienciais que usam de imagens para ensinar sobre o futuro dos hierosolimitas: “[...] por que mais é o sarmento de videira que qualquer outro, o sarmento que está entre as árvores do bosque? Toma-se dele madeira para fazer alguma obra? Ou toma-se dele alguma estaca, para que se lhe pendure algum objeto?” (ARA).⁶⁵

Provérbios e salmos sapienciais apresentam, de modo recorrente, um chamado inicial feito pelo mestre (cf. Sl 49.1; 78.1; cf. Pv 2.1; 5.17.24), conhecido também por sua designação *Lehreröffnungsruf* (“exortações inaugurais do mestre”).⁶⁶ Vemos exemplos em Isaías:

Inclinaí os ouvidos e ouvi a minha voz; atendei bem e ouvi o meu discurso. (Is 28.23, ARA)
Chegai-vos, nações, para ouvir, e vós, povos, escutai; ouça a terra e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto produz. (Is 34.1, ARA)

Além disso, o padrão “três-quatro”, bastante comum em textos sapienciais da Bíblia (Pv 30.15,18,21,29; cf. Jó 5.19; Pv 6.16-19) e de civilizações do Antigo Oriente Próximo⁶⁷, são empregados também pelo profeta Amós (caps. 1 e 2) e revelam influência dos sábios de Israel.⁶⁸ Por exemplo: “Assim diz o SENHOR: Por três transgressões de Damasco e por quatro, não sustarei o castigo, porque trilharam a Gileade com trilhos de ferro” (Am 1.3).⁶⁹

Observa-se também uma temática característica da literatura de sabedoria presente nos profetas. O tema sapiencial da teodiceia, ou seja, a aparente falta de retribuição ao ímpio e de recompensa ao justo nesta vida — analisada em salmos didáticos, como 49 (vv. 6-19) e 73 (vv. 2-24), em Eclesiastes (7.15; 8.10-14) e no livro de Jó — ocorre

⁶⁴ BERRY, 1995, cap. (edição kindle); VON RAD, 1973, p. 35 (ver um dos exemplos da p. 2).

⁶⁵ VON RAD, 1973, p. 35.

⁶⁶ BELLINGER, W. H. Jr. *Psalms: a guide to studying de Psalter*. 2.ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2012, p. 130; KRAUS, *Los Salmos*, p. 91; VON RAD, 1973, p. 35-36.

⁶⁷ VON RAD, 1973, p. 55.

⁶⁸ CRENSHAW, 1967, p. 49.

⁶⁹ LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 497.

também no livro de Habacuque,⁷⁰ em que o profeta se esforça para compreender a justiça de um Deus que controla um mundo aparentemente sem justiça, como suas palavras iniciais indicam: “Por que me mostras a iniquidade e me fazes ver a opressão? [...] Por esta causa, a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta, porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida.” (Hc 1.3,4, ARA). A imagem teofânica que ocorre no livro de Jó, e leva o fiel a resignar-se diante da sabedoria incompreensível de YHWH (Jó 38 – 42.6), aparece também em Habacuque 3.1-16, embora o foco em Jó seja o Deus Criador, e em Habacuque, o Deus Redentor.

Além de empregar recursos retóricos comuns da literatura de sabedoria, o profeta Amós também parece enfatizar temas característicos dos sábios, ao tratar do relacionamento de Israel com as nações, ao usar palavras do movimento sapiencial como נָכַח (“reto”, Am 3.10; cf. Pv 4.25; 8.9; 24.26) e מִשְׁפָּט (“justiça”, Am 5.7,15,24; 6.12; cf. Jó 29.14; Pv 18.5; 19.28; 21.15; 29.4), ao empregar pares antitéticos de palavras e ao demonstrar uma preocupação com o pobre e o humilde (Am 2.7; 4.1; 5.11; 8.6).⁷¹

Isaías também utiliza antigos ditados reais de Provérbios (14.27,33; 16.10,12,13,16; 20.26,28; 21.30; 25.5; 29.4,14) para descrever o sábio messiânico ideal em Isaías 9.1-6a e 11.1-5 e, assim, criticar de forma implícita a falha do rei e dos cortesãos contemporâneos no exercício da sabedoria adequada a seu ofício. O mesmo profeta também faz acusações severas e abertas contra os homens de estado, usando as normas sapienciais que se aplicavam a eles: um juiz não deveria se entregar à bebida, para não corromper a justiça nem ignorar o direito dos pobres (Is 5.11,22-23; cf. Pv 31.4,5; 20.1; 29.4,7,14,26; Ec 10.16-17; cf. Os 7.5).⁷²

Quando os profetas Jeremias e Ezequiel deixaram claro que cada indivíduo seria responsabilizado por seus próprios erros e punido por isso (Jr 31.29,30; Ez 18.2-20), não estavam estabelecendo novos padrões, mas remetendo aos padrões bastante presentes na literatura de sabedoria (e.g.: Pv 5.22,23; 10.6,7; ver p. 6), embora não fossem exclusivos dela.⁷³

O processo [dos profetas] de retomar as antigas regras éticas e aplicá-las à nova situação — no nome de Yahweh! — demonstra que os profetas acreditavam que essa mesma ordem da sociedade, da qual os sábios eram os guardiões, era a ordem sancionada por Yahweh e deveria ser mantida.⁷⁴

⁷⁰BERRY, 1995, cap. (edição kindle).

⁷¹HUBBARD, 1966, p. 8-9.

⁷²LEEUWEN, 19990, p. 302-303.

⁷³HUBBARD, 1966, p. 11.

⁷⁴GERSTENBERGER, 1962, p. 262.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste artigo, alcançamos os dois objetivos delineados inicialmente. Situamos o movimento sapiencial israelita em um contexto mais amplo do Antigo Oriente Médio e vimos como ele estava relacionado, principalmente, com a vida palaciana, mas também com o cotidiano das pessoas comuns.

Entre os principais temas da sabedoria hebraica, estão a presença divina mediada pela sabedoria, que traz ordem ao caos de um mundo confuso e desordenado, o dilema da teodiceia — a necessidade de resposta à aparente prosperidade dos ímpios e sofrimento dos justos —, e a importância de uma conduta individual caracterizada por justiça e sabedoria. No entanto, o tema central da sabedoria, essencial para alcançá-la no contexto do antigo Israel, é o temor de YHWH, que liga o verdadeiro conhecimento com uma relação pessoal com o Deus da nação: a ausência desse relacionamento impede o indivíduo de alcançar sabedoria verdadeira.

Por fim, vimos como os profetas hebreus foram influenciados pelos sábios de Israel de duas maneiras básicas: arte literária e temas teológicos sapienciais. No aspecto literário, os profetas usaram as perguntas retóricas, o padrão “três-quatro” e a convocação inicial comuns aos sábios da Bíblia Hebraica. Alguns temas recorrentes na tradição sapiencial utilizados pelos profetas são o problema da teodiceia, o padrão do rei ideal delineado em Provérbios e a responsabilidade de cada indivíduo por sua conduta. Torna-se evidente que a relação entre profetismo e sabedoria era a de um rico intercâmbio de mensagem e de estrutura. Em vez de grupos opostos, sábios e profetas apresentam preocupações e temas em comum na busca por respostas aos questionamentos e problemas dos antigos israelitas.

REFERÊNCIAS

ANSBERRY, Christopher B. **Be wise, my Son, and make my heart glad: an exploration of the courtly nature of proverbs**. Wheaton College Graduate School, 2009 (Tese de Doutorado).

BEALE, G. K. **A New Testament biblical theology: the unfolding of the Old Testament in the New**. Grand Rapids: Baker Academic, 2001.

BELLINGER Jr., W. H. **Psalms: a guide to studying de Psalter**. 2.ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

BERRY, Donald K. **An introduction to wisdom and poetry of the Old Testament.** Nashville: Broadman and Holman, 1995 (edição kindle).

BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English lexicon.** Oxford: Clarendon, 1977.

BRUEGGEMANN, Walter. **Praise to God is the end of wisdom: what is the beginning?** Journal for Preachers, v. 12, n. 3, 1989. p. 30-40.

BRUEGGEMANN, Walter; LINAFFELT, Tod. **An introduction to the Old Testament.** 2.ed. Louisville: Westminster John Knox, 2012.

CRENSHAW, James L. In search of divine presence: some remarks preliminary to a theology of Wisdom. **Review and Expositor**, v. 74, n. 3, 1977, p. 353-369.

_____. **The influence of Wise upon Amos.** Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, v. 79, n. 1, 1967, p. 42-52.

DRUMWRIGHT Jr., H. L. Wisdom. In: TENNEY, Merrill C. **The Zondervan pictorial encyclopedia of the Bible.** Grand Rapids: Zondervan, 1975-1976. v. 5.

ELLINGER, K., RUDOLPH, W. (eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia.** 5.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FOX, Michael V. Three theses on Wisdom. In: SNEED, Mark (ed.). **Was there a wisdom tradition?** Atlanta: Society of Biblical Literature, 2015.

GARRETT, Duane A. **Proverbs, Ecclesiastes, Song of songs.** Nashville: Broadman & Holman, 1993.

GERSTENBERGER, Erhard. The woe-oracles of the prophets. **Journal of Biblical Literature**, v. 81, 1962, p. 249-263.

GOLDSWORTHY, Graeme. Wisdom and its literature in biblical-theological

context. *Southern Baptist Journal of Theology*, v. 15, n. 3, 2011, p. 42-55.

GOULDER, Michael D. *The Psalms of the sons of Korah*. Sheffield: JSOT, 1982.

HARRISON, Roland K. *Introduction to the Old Testament*. Peabody: Hendrickson, 2004.

HUBBARD, D. A. The wisdom movement and Israel's covenant faith. *Tyndale Bulletin*, v. 17, 1966, p. 3-33.

KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*. Salamanca: Sigueme, 1993.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LEEUWEN, R. C. van. The sage in the prophetic literature. In: PERDUE, L.;

GAMMIE, J. *The sage in Israel and the Ancient Near East*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.

LONGMAN III, Tremper. *Psalms*. Nottingham: Inter-varsity, 2014 (edição kindle).

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006.

PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament*. 3.ed. Princeton: Princeton University Press, 1969.

ROBINSON, H. Wheeler. *Man in the Old Testament*. London: SCM, 1951.

ROSS, Allen P. Proverbs. In: GABELEIN, Frank E. *The Expositor's Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1991, v. 5.

SABOURIN, Leopold. *The Psalms: their origin and meaning*. New York: Alba House, 1974.

SHAW, Ian (ed.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Almeida Revista e Atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

SWANSON, J. *Dictionary of biblical languages with semantic domains: Hebrew*. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997 (edição eletrônica).

VON RAD, Gerhard. *La sabiduría en Israel: los sapienciales, lo sapiencial*. Madrid: Fax, 1973.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional